

LEWIS CARROLL

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
2.º ciclo

Versão integral.
Tradução e prefácio da escritora
Carla Maia de Almeida



Índice

Prefácio

– 9 –

Capítulo I

Caindo na Toca do Coelho

– 15 –

Capítulo II

O Lago de Lágrimas

– 25 –

Capítulo III

Uma Corrida Eleitoral e uma Longa História

– 35 –

Capítulo IV

O Coelho Manda Entrar o Pequeno Bill

– 45 –

Capítulo V

Conselhos de uma Lagarta

– 59 –

Capítulo VI

Porco e Pimenta

– 71 –

Capítulo VII

Um Chá de Loucos

– 85 –

Capítulo VIII

O Campo de Cróquete da Rainha

– 99 –

Capítulo IX

A História da Tartaruga Fingida

– 113 –

Capítulo X

A Quadrilha da Lagosta

- 125 -

Capítulo XI

Quem roubou as tartes?

- 137 -

Capítulo XII

O Testemunho de Alice

- 147 -

Prefácio

Alice é a primeira heroína moderna da literatura infantojuvenil, precursora de outras personagens que se libertaram dos limites fixados para as crianças responsáveis e obedientes. Não que Alice não seja responsável; mais do que isso, é bondosa e altruísta, ao contrário de todas as figuras insanas que povoam o País das Maravilhas. Sujeitada a toda a espécie de diálogos e situações absurdas, nunca perde a graça nem a etiqueta. Consegue, ao mesmo tempo, pôr um fim às provocações e humilhações que encontra pelo caminho, até ao culminar da palavra-ato final que a liberta do sonho: «Quem quer saber de vocês? Não passam de um baralho de cartas!»

Inteligente, curiosa, emotiva, questionadora e sempre corajosa, Alice pode ser considerada a «mãe» de outras meninas rebeldes à sua maneira; e aqui

lembro-me, por ordem aleatória, de Matilde (Roald Dahl), de Mafalda (Quino), de Hermione Granger (J. K. Rowling), de Pippi das Meias Altas (Astrid Lindgren), de Coraline (Neil Gaiman) e de Sara Crewe (Frances H. Burnett), entre outras.

Esta irreverência infantil, que continua a alimentar autores e leitores, não tem limite de idade — e é por isso que *Alice no País das Maravilhas*, o romance, está hoje tão vivo como há 157 anos, quando um passeio pelo rio Tamisa determinou o seu nascimento. Do ponto de vista simbólico, é difícil eleger outro elemento da Natureza mais adequado a esta misteriosa aventura do que a água, lugar das profundezas e dos tesouros do inconsciente. Mas foi preciso o génio criativo de Lewis Carroll para os extrair.

Facto importante: antes de ser livro, *Alice* foi uma história contada de viva voz pelo seu autor, Charles Lutwidge Dodgson, conhecido pelo pseudónimo de Lewis Carroll. Sabe-se que no dia 4 de julho de 1862, Carroll e um amigo da sua congregação religiosa levaram as três irmãs Liddell a passear de barco, um dos hábitos de entretenimento da sociedade vitoriana. Alice Pleasance Liddell, então com 10 anos, era a irmã do meio, situando-se entre Lorina, com 13 anos, e Edith, com 8. Vindas de uma família privilegiada, as três eram filhas do deão Henry George Liddell, alta entidade

eclesiástica de Christ Church, Oxford, e reitor da escola onde Carroll começou a ensinar Matemática. No entanto, foi à pequena Alice que Carroll se afeiçoou profundamente, dando origem a uma história pessoal controversa e, até hoje, nunca esclarecida.

Pelo rio acima, a pedido da verdadeira Alice, Lewis Carroll inventou as personagens e os cenários mirabolantes de *Alice no País das Maravilhas*, depois fixados em manuscrito e posteriormente em livro (1865), já com as ilustrações do grande John Tenniel. Como tantas vezes sucede nas narrações orais, o contador integra os ouvintes no desenrolar da história. É assim que, por entrelinhas, as duas irmãs de Alice surgem como personagens: no terceiro capítulo, o Papagaio (*lory*) é Lorina, enquanto a pequena Águia (*eaglet*) se refere a Edith, sendo ambos os casos recriações fonéticas dos nomes das crianças.

O próprio Lewis Carroll se retrata, com suprema ironia, na figura solene e assertiva do pássaro Dodó. É sabido que o escritor gaguejava desde a infância. Seria inevitável extrair algum efeito cómico da pronúncia do seu apelido: Do-Do-Dodgson. E, por falar novamente em «extrair», diga-se, também, que Elsie, Tillie e Lacie, as três irmãs que vivem no fundo de um poço e de lá extraem (ou *desenham*) melação, são novamente as irmãs Liddell, depois de passarem pelos

trocadilhos e outros jogos de linguagem indissociáveis do talento de Carroll.

Descobri esta e muitas outras explicações contextuais em *The Annotated Alice*, de Martin Gardner, obra que ajuda a decifrar *Alice no País das Maravilhas* e a sua seqüela, *Alice do Outro Lado do Espelho*, publicada em 1871 (próxima no tempo, mas longe da vivacidade da primeira *Alice*). Hesitei entre esclarecer ou não algumas referências familiares à língua e cultura inglesas: a sopa de tartaruga fingida, as *nursery rhymes* moralistas, o jogo de cróquete (que o corretor ortográfico teima em mudar para «croquete»), o suposto desvario das lebres no mês de março e a comprovada loucura dos antigos chapeleiros contaminados pelo mercúrio. A fim de não resvalar para uma tradução anotada, optei por acrescentar apenas notas explicativas sobre os jogos de palavras que se me afiguraram impossíveis de traduzir; pelo menos, sem forçar demasiado.

Alice no País das Maravilhas é um livro escrito para crianças e para uma criança em particular: Alice Liddell. No entanto, nenhum adulto o deve dispensar. Pode ser lido como uma excêntrica aventura ou interpretado, à esquadria, pelo olhar da literatura, da linguística, da psicanálise, da simbólica, da política e de quase tudo. É uma obra inesgotável, na medida em que não se esgota numa única leitura, porque é capaz de

acolher diferentes idades e circunstâncias da vida do leitor. Não significa o mesmo lê-la aos 9 anos, aos 14 ou aos 40, mas uma coisa é certa: Alice continua a desafiar a nossa inteligência e a chamar-nos para um estado natural de curiosidade por nós e pelo mundo.

Sigam sempre o Coelho Branco, sem medos.

Carla Maia de Almeida

Capítulo I

Caindo na Toca do Coelho

Alice começava a ficar farta de estar ali sem fazer nada, sentada na margem do rio, ao lado da irmã. Espreitou para o livro que ela lia, uma ou duas vezes, mas não tinha ilustrações nem diálogos. «*E para que serve um livro sem ilustrações nem diálogos?*», concluiu.

Então pôs-se a pensar na ideia (tanto quanto lhe era possível pensar, porque o calor do dia fazia-a sentir-se sonolenta e de cabeça oca) de fazer uma grinalda de margaridas; e se essa diversão compensaria o esforço de se levantar para as colher, quando um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou por ela a correr.

Aquilo não era assim *tão* extraordinário; e Alice também não achou *muito* invulgar ouvir o Coelho repetir para os seus botões:

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! Vou chegar atrasado!

(Mais tarde, ao recordar o que lhe tinha sucedido, pensou que devia ter achado aquilo estranho; mas, naquela altura, tudo lhe pareceu bastante natural.) Depois, quando o Coelho *tirou mesmo um relógio do bolso do colete*, viu as horas e se apressou, Alice saltou como uma mola, porque se lembrou de que nunca tinha visto um coelho de colete nem tão-pouco com um relógio. A arder de curiosidade, perseguiu-o a correr pelo campo e teve tempo, felizmente, de o ver enfiar-se numa grande toca por baixo da sebe.

Em menos de um minuto, Alice seguiu-o, não ponderando sequer como faria para voltar atrás se quisesse sair dali.

A toca de coelho estendia-se a direito como um túnel e de repente afundava-se, mas tão abruptamente que Alice foi incapaz de parar e deu por si a cair num poço muito fundo.

Bom, ou o poço era muito fundo ou ela estava a cair muito devagar, porque a descida deu-lhe tempo para olhar à sua volta e perguntar-se o que iria acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar para baixo e perceber o que havia no fundo, mas estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse. Depois, olhou para as paredes do poço e reparou que estavam revestidas de

estantes e guarda-louças; aqui e ali, viu mapas e quadros pendurados por pregos. Ao passar junto de uma prateleira, pegou num frasco que tinha escrito no rótulo «Doce de Laranja», mas ficou muito decepcionada ao perceber que estava vazio. Pensou que ainda podia matar alguém se deixasse cair o frasco, por isso fez um esforço para o pousar noutra prateleira enquanto ia continuando a descer.

«Bem», pensou Alice, *«depois de uma queda como esta, um tombo nas escadas não tem importância. Lá em casa vão pensar que sou muito corajosa! Ora, nem que caísse do telhado eu daria um ai»*. (O que era bem capaz de ser verdade.)

Fundo, fundo, cada vez mais fundo. A queda nunca mais chegava ao fim!

— Quantos quilómetros já terei eu descido? — perguntou-se, em voz alta. — Devo estar a chegar a um sítio qualquer perto do centro da Terra. Deixa-me ver... Julgo que serão aí uns seis mil metros de profundidade. (É que Alice tinha aprendido coisas deste género na escola, percebem? E embora o momento não fosse *muito* apropriado para mostrar os seus conhecimentos, visto que ninguém podia ouvi-la, repeti-los sempre era um bom exercício.)

— Sim, deve ser essa a distância exata... Só me pergunto se será em latitude ou em longitude. (Alice não

tinha a menor noção do que significava «latitude» e «longitude», mas achou aquelas palavras impressionantes.)

De modo que continuou a falar:

— Será que vou *atravessar* a Terra? Seria engraçado aparecer subitamente no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Os *Antipodias*, acho que é esse o nome. (Dessa vez, sentiu-se contente por ninguém a ouvir, já que aquela palavra não lhe soava mesmo nada bem.) — É claro que vou ter de lhes perguntar qual é o país. Por favor, minha senhora, estamos na Austrália ou na Nova Zelândia? (E tentou fazer uma vénia ao dizer isso. Imaginem como será fazer uma vénia ao mesmo tempo que se cai a pique! Acham que seriam capazes?) — E se ela achar que sou uma menina ignorante por lhe fazer uma pergunta dessas? Não, é melhor não perguntar nada. Talvez esteja escrito em qualquer lado.

Fundo, fundo, cada vez mais fundo. Não havia mais nada para fazer, por isso Alice continuou a divagar:

— Acredito que a *Dinah* vá sentir muito a minha falta esta noite. (A *Dinah* era a gata.) Espero que se lembrem de lhe dar o pires de leite à hora do lanche. Minha querida *Dinah*! Quem me dera que estivesses aqui em baixo comigo! Julgo que não andam ratos pelo ar, mas podias caçar um morcego, que são parecidos com ratos, como sabes. Só me pergunto se os gatos comem morcegos.

Nesse momento, Alice começou a sentir-se bastante sonolenta. Continuou a repetir, como numa espécie de sonho:

— Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?

E outras vezes:

— Os morcegos comem gatos?

Como podem ver, as perguntas não faziam diferença, uma vez que ela não tinha quaisquer respostas. Sentiu-se a adormecer e a sonhar que passeava de mãos dadas com a *Dinah*, e que lhe perguntava, muito a sério: «Agora, *Dinah*, diz-me a verdade: já comeste um morcego?» De repente — catrapus! — caiu em cima de um monte de paus e folhas secas. A queda chegara ao fim.

Alice não se magoou nem um bocadinho e, num instante, pôs-se de pé. Olhou para cima, mas só havia escuridão. À sua frente, viu outro túnel muito comprido e distinguiu o Coelho Branco a correr por ali fora, cheio de pressa. Alice não podia perder nem um minuto. Lançou-se atrás dele à velocidade do vento, chegando a tempo de o ouvir dizer, assim que virou uma esquina:

— Oh, pelas minhas ricas orelhas! Oh, pelos meus ricos bigodes! Está a fazer-se tão tarde!

Esteve prestes a apanhá-lo ao virar da esquina, mas o Coelho já desaparecera de vista. Alice viu-se numa

sala comprida e iluminada por uma fila de luzes que pendiam do teto baixo.

Existiam portas a toda a volta, mas estavam fechadas. Depois de ter atravessado a sala de um lado ao outro, experimentando todas as portas, Alice parou a meio, perguntando-se tristemente se alguma vez conseguiria sair dali.

De súbito, viu uma mesinha de três pernas, toda feita de vidro. Não tinha nada em cima, exceto uma minúscula chave dourada. O primeiro pensamento de Alice foi que deveria pertencer a uma das portas, mas, pobre dela!, ou as fechaduras eram demasiado grandes ou a chave era muito pequena. Revelou-se impossível abri-las! Porém, ao percorrer a sala pela segunda vez, deparou-se com uma pequena cortina que antes lhe escapara. Atrás dela, havia uma porta com apenas 25 centímetros de altura. Experimentou a chave dourada e, para sua grande alegria, viu que entrava na fechadura!

Alice abriu a porta e descobriu que conduzia a um corredor muito estreito, mais ou menos do tamanho de uma toca de rato. Pôs-se de joelhos, espreitou lá para dentro e vislumbrou o jardim mais adorável que possam imaginar. Como ela desejava sair daquela sala escura e passear pelo meio dos canteiros de flores viçosas e das fontes refrescantes! Mas se nem a

cabeça passava pela porta! «*E mesmo que a minha cabeça passasse*», pensou a pobre Alice, «*de pouco me serviria sem os ombros. Oh, quem me dera encolher como um telescópio! Acho que até seria capaz, se soubesse por que ponta começar.*»

Como podem ver, Alice já acreditava que poucas coisas seriam realmente impossíveis, perante tudo o que de estranho lhe tinha acontecido ultimamente.

Parecia-lhe inútil esperar ali à porta, de modo que voltou para junto da mesa com a remota esperança de encontrar outra chave; ou então um livro de instruções que ensinasse as pessoas a encolherem-se como telescópios. Dessa vez, o que viu na mesa foi uma pequena garrafa («*de certeza que não estava aqui há pouco*», pensou Alice), com uma etiqueta de papel presa ao gargalo, onde se liam as seguintes palavras, impressas em elegantes letras maiúsculas: «BEBE-ME».

Era muito bonito dizer «Bebe-me», mas a pequena Alice era esperta e não ia fazer *isso* sem mais nem menos.

— Primeiro, vou verificar se diz «veneno» ou não — disse ela.

Já tinha lido várias histórias acerca de crianças que tinham ficado queimadas ou sido devoradas por animais selvagens, entre outras coisas desagradáveis — e tudo por *não se lembrarem* de regras simples que os

amigos lhes haviam ensinado. Por exemplo, que um atizador de lume acabará por te queimar se o segurares durante muito tempo, ou que os teus dedos sangram se fizeres um golpe *fundo* com uma faca. Alice também não se tinha esquecido de que, se bebermos muito de uma garrafa que diz «veneno», é certo e sabido que acabaremos por nos dar mal com isso.

No entanto, na garrafa não estava escrito «veneno», por isso Alice atreveu-se a provar o seu conteúdo, achando-o até muito agradável (sabia a uma mistura de tarte de cereja, leite-creme, ananás, peru assado, caramelo e torradas com manteiga). Num instante, bebeu-o todo.

* * *

— Que sensação tão estranha! — disse Alice.
— Devo estar a encolher como um telescópio.

De facto, era mesmo isso que estava a acontecer. O rosto de Alice iluminou-se de alegria. Agora tinha apenas 25 centímetros de altura, a medida certa para passar pela pequena porta que conduzia àquele jardim maravilhoso. Esperou uns minutos para ver se continuava a diminuir, o que a deixou um pouco nervosa. «*Posso acabar por desaparecer completamente, como uma vela*», pensou. «*E em que é que eu me tornaria, nesse caso?*» Tentou imaginar a chama de uma vela depois

de apagada, mas não tinha qualquer recordação de ter visto tal coisa.

Passado algum tempo, percebendo que nada mais lhe sucedia, decidiu-se a entrar no jardim. Mas, pobre Alice!, ao chegar à porta viu que se tinha esquecido da chave dourada; e quando voltou à mesa já não conseguia alcançá-la, embora a distinguisse perfeitamente através do vidro. Fez um esforço considerável para subir por uma das pernas da mesa, mas era demasiado escorregadia e, depois de várias tentativas extenuantes, a pobre criança sentou-se no chão, a chorar.

«Então, então... o que adianta podes-te a chorar desta maneira?», ralhou em silêncio, severamente. «Para já com isso!» Tinha o hábito de dar bons conselhos a si mesma (embora raramente os seguisse), e chegava a repreender-se com tanta dureza que as lágrimas lhe subiam aos olhos. Lembrou-se de ter dado uns tabe-fes na própria cara, certa vez, como castigo por fazer batota consigo num jogo de cróquete. Era uma menina invulgar, que gostava de fazer de conta que era duas pessoas ao mesmo tempo. «Mas agora não adianta nada fingir que sou duas pessoas», pensou a pobre Alice. «O pouco que sobrou de mim mal chega para me apresentar como uma pessoa respeitável!»

Então, reparou numa pequena caixa que estava debaixo da mesa. Abriu-a e encontrou um bolinho

coberto de passas que formavam claramente a palavra «COME-ME».

— Pronto, vou comê-lo — disse Alice. — Se me fizer crescer, já consigo alcançar a chave. Se ficar ainda mais pequena, posso sempre rastejar por baixo da porta. De uma maneira ou de outra, vou entrar no jardim e não quero saber o que me acontece!

Deu uma pequena dentada no bolo e levou as mãos à cabeça. «*Para que lado vou crescer?*», pensou, ansiosamente. «*Para cima ou para baixo?*»

Ao perceber que continuava do mesmo tamanho, ficou muito admirada. Se pensarmos bem, é o que acontece quando as pessoas comem bolos. Mas Alice já estava tão acostumada a assistir a coisas estranhas que a vida normal lhe parecia aborrecida e sem graça.

Assim, entregou-se à tarefa de comer o bolo, acabando com ele num instante.

Um clássico maravilhoso que continua a fascinar crianças e adultos em todo o mundo.

Desde o momento em que Alice vê um coelho branco a correr apressado, vestido com um elegante colete e a usar um relógio, ela toma uma decisão que a vai fazer viver as mais incríveis aventuras e conviver com as mais excêntricas personagens: segue-o sem hesitar.

Esta menina curiosa, valente e impulsiva vai conhecer um mundo completamente diferente, em que animais e objetos se comportam como gente e onde ela própria deixa de saber bem quem é. Há tanta coisa absurda e Alice sofre tantas transformações, que começa a mudar a forma como se vê a si própria e o que a rodeia. Ao contrário da educação rigorosa que a tinha ensinado a seguir ordens e direções, estas personagens encorajam-na a ser livre de convenções e a viver aventuras e conhecer coisas novas, sem destino traçado.

«Não significa o mesmo lê-la aos 9 anos, aos 14 ou aos 40, mas uma coisa é certa: Alice continua a desafiar a nossa inteligência e a chamar-nos para um estado natural de curiosidade por nós e pelo mundo.

Sigam sempre o Coelho Branco, sem medos.»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-551-5</p>  <p>11+</p> <p>9 789896 685515</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---